

## SAADAT HASSAN MANTO, UM LIBERTÁRIO.

### Saadat Hassan Manto, a libertarian.

#### Antonio C. Ribeiro Tupinambá

Doutor em Psicologia pela Universidade de Giessen e Professor na Universidade Federal do Ceará (UFC)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7786-6687>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7504965698434271>

#### Resumo

Saadat Hasan Manto nasceu em 1912 em Sambrala pequena cidade do distrito de Ludhiana no estado do Punjab e faleceu em 1955 na cidade de Lahore, no Paquistão. Manto é um dos maiores escritores indo-paquistaneses e um dos grandes contistas mundiais. Viveu um período de sua vida na Índia e outro no Paquistão. O maior escritor sobre o tema da Partição (período que seguiu-se à independência da Índia) e do que se conhece por “problemática hindu-muçulmana”. Contos ficcionais e biográficos, roteiros para o cinema, artigos de jornais e revistas, além do trabalho como editor estão entre as principais realizações de Manto ao longo de sua vida. Pode-se falar de mudanças na sociedade, mas ainda é crescente o cerceamento de liberdade de expressão de escritores, misoginia, patriarcado, perseguição a minorias e outras mazelas sociais, principalmente, em países periféricos. Testemunha-se o recrudescimento de políticas de extrema-direita em quase todo o planeta, incluindo regiões onde se sentiu temporariamente um sopro da democracia, um progresso temporário na política. Apesar de ter vivido na primeira metade do século XX, a atualidade da obra de Manto é evidente, principalmente quando trata o ódio interreligioso e a problemática sociocultural e suas vítimas, que são cidadãos comuns e nunca aqueles que pertencem às elites. O conhecimento produzido por Manto continua, portanto, sendo necessário para se compreender o que ocorre nos dias de hoje, especialmente no campo religioso, social e político.

**Palavras-chave:** Manto; Literatura urdu; Índia; Paquistão; Escrita libertária; Feminismo.

#### Abstract:

Saadat Hasan Manto was born in 1912 in Sambrala, a small town in the district of Ludhiana in the state of Punjab and died in 1955 in the city of Lahore, Pakistan. Manto is one of the greatest Indo-Pakistani writers and one of the world's great short story writers. He lived a period of his life in India and another in Pakistan. The greatest writer on the subject of Partition (the period following India's independence) and what is known as the “Hindu-Muslim problem”. Fictional and biographical stories, scripts for Indian cinema, newspaper and magazine articles, as well as work as an editor are among Manto's main achievements throughout his life. We can talk about changes in society, but the restriction of freedom of expression for writers, misogyny, patriarchy, persecution of minorities and other social ills are still growing, mainly in peripheral countries. We are witnessing the resurgence of far-right politics across almost the entire planet, including



regions where a breath of democracy was temporarily felt, a temporary progress in politics. Despite having lived in the first half of the 20th century, the relevance of Manto's work is evident, especially when it deals with interreligious hatred and sociocultural issues and its victims, who are ordinary citizens and never those who belong to elites. The knowledge produced by Manto continues, therefore, to be necessary to understand what is happening today, especially in the religious, social and political fields.

**Keywords:** Manto; Urdu literature; India, Pakistan; Libertarian writing; Feminism.

## Introdução

Manto sempre escreveu em urdu mas logo foi traduzido para o hindi; urdu e hindi são como dois rios que correm em paralelo e se encontram no mesmo oceano. Para apreciar Manto verdadeiramente, deve-se lê-lo em hindi, afirma o cronista indiano Jairaj Singh: “O Manto escrito em urdu quase não difere daquele em hindi que lemos hoje, mas somente nele [hindi] as imagens viscerais de seus contos marcarão nossa consciência”. Há três contos no livro *Bombay Stories* (Manto, 2014): Dez Rúpias, Mozelle e Rude, considerados para o atual ensaio e analisados para melhor compreender a escrita de Manto. Some-se, também para esse fim, aos três contos nomeados um quarto: Frio como o Gelo (*Colder than ice/Thandā Gōsht*), do livro traduzido e editado por Khalid Hasan. (Manto, 2002) Os quatro contos forma, portanto, considerados fundamentais para o atual ensaio, bem como para melhor compreender a escrita de Manto. O fato de que nada do que escreveu tenha sido publicado em língua portuguesa nos levou a fazer traduções livres de seus textos para melhor apresentá-lo. A intensidade que a obra desperta, também em razão dos conectivos culturais que se pode ativar entre a obra, o autor, suas origens, sua cultura e seu anarquismo incondicional são inegáveis. Traremos Manto aos dias atuais por meio de sua escrita e notas biográficas. Trata-se de uma primeira apresentação do autor indo-paquistanês a leitores brasileiros; além de querer demonstrar que seus escritos continuam atuais e necessários para uma melhor compreensão do mundo hodierno.

## 1. Manto controverso

Manto era um homem curioso, transitou, inclusive, pela psicanálise e foi muito além dela, chegando até Marx e seu materialismo histórico. Some-se a esses caminhos teóricos a grande admiração que não escondia pelo anarquista Peter Kropotkin, o que



sinaliza sua iconoclastia. Marx foi uma das poucas figuras históricas sobre quem Manto escreveu com grande apego. No entanto ainda há outros nessa lista: Joana D’arc, Mirza Asadullah Khan Ghalib, Maxim Gorky e James Joyce.(compare Reek, 2014, p.xvii). Manto era realmente uma raridade: um homem “feminista” em um país extremamente machista e patriarcal que traz, por exemplo no conto “Mozelle” ambientado na metrópole indiana Mumbai — então Bombay/Bombaim —, o testemunho do sentido e do peso de conflitos religiosos, morais e sexuais no cotidiano da Índia.

O escritor iraniano Salman Rushdie descreveu Manto como “o mestre indiscutível do conto indiano”, escritor de ficção das “vidas inferiores”, de “ficção do submundo”, termo que ajuda a compreender porque sempre teve problemas com a censura e, por extensão, com muitos dos seus colegas escritores contemporâneos. Os pontos comentados por Rushdie sobre os personagens de Manto, vários — de fato a grande maioria — de nível social mais de baixo, sugerem a moral incerta que muitos desses personagens ensinam. “Nada poderia proibir Manto de escrever sobre os excluídos que a sociedade havia excomungado. Manto nunca perdeu a oportunidade de atacar a superficialidade da sociedade: “Prostitutas são realmente produtos da sociedade. Então por que exigir acabar com elas, quando elas formam uma parte legítima da nossa cultura?” Manto as considerava vítimas do espírito farisaico da sociedade e assumiu a responsabilidade de registrar suas condições. Estas chamadas ‘mulheres perdidas’ tiveram que vender seus corpos para ganhar o pão de cada dia”.(Mishra, 2022) Mostrando clara empatia por elas nunca concordou com os contemporâneos que acreditavam merecerem ser odiadas ou desprezadas.

A reação mais consistente aos escritos de Manto durante sua vida foi a censura. Os mais fiéis leitores de seus textos foram os censores que, em diferentes momentos, o acusaram de escrita obscena. Os primeiros julgamentos ocorreram nas cidades de Lahore e Karachi. Em cada instância acabou sendo absolvido. O primeiro e o segundo referiam-se ao conto “Black shalwar” (Kaali Shalwaar), de 1941, mas também a outro conto, “Smoke” (Dhuan). Na terceira vez, foi a júri pelo conto “Smell” (Bū) e pelo ensaio



“Modern literature”. Após a Partição,<sup>1</sup> a censura continuou perseguindo-o. Por conta da publicação do seu conto canônico “Open up” no Jornal Literário de Lahore *Portraits*,<sup>2</sup> o governo paquistanês interveio para encerrar as operações do jornal por seis meses. O conto de Manto intitulado “Cold meat” (Thanda Gosht) passou a ser foco de uma série de julgamentos. Manto, juntamente com o editor Nasir Anwar, o proprietário e editor da revista *Eternity*<sup>3</sup> que publicou o conto, enfrentou um processo duro e demorado. Mais uma vez foi julgado por “Above, below, and in between,” (Wahdhawan, 1988) desta feita na cidade de Karachi, e levou uma pequena multa, paga pelo editor. Mesmo postumamente não houve uma reconciliação de sua nova pátria, o Paquistão, com Manto. Infelizmente os conflitos criados pelo governo paquistanês continuam até os tempos atuais. No quinquagésimo aniversário de sua morte, Manto continuava censurado e banido da televisão e rádio paquistanesas.

## 2. Entre a Índia e o Paquistão

Em Lahore pós-partição Manto não se sentia disposto a escrever contos. Ele considerava essa forma de escrita muito difícil e, por isso, se afastou dela. Quando um amigo, Ahmed Nadeem Qasmi mudou-se para Lahore, onde começou a produzir uma revista mensal, *Naqoosh*, e pediu a Manto para escrever uma história para sua revista, sentiu-se incapaz de atender a seu pedido. Finalmente, para deixar o amigo mais feliz decidiu escrever um conto, que chamou de “Thanda Gosht/Cold Flesh”. Esse foi seu primeiro conto escrito no novo Paquistão mas Ahmed preferiu não publicá-lo por tê-lo achado muito “pesado”. *Thanda Gosht* foi publicado pela primeira vez na revista *Javed* do jovem editor Arif Abdul Mateen em março de 1949. Não demorou até que Naseer Anwer e Arif Matin, editores da revista *Javed* fossem presos pela publicação do conto. Alguns dias depois, Manto ouviu a campainha de casa tocar. Lá estava o subinspetor de polícia o convocando a ir à delegacia. Na manhã seguinte, foi se apresentar com o amigo Sheikh Salim, seu fiador. Saiu livre mas sob fiança. Matin e Anwer, os editores também

---

<sup>1</sup> A Partição da Índia após sua independência da Grã-Bretanha resultou na criação (agosto de 1947), de dois Estados soberanos: Índia e Paquistão.

<sup>2</sup> Em urdu: Naqush.

<sup>3</sup> Em urdu: Javed.



foram libertados sob fiança. Angústias, migrações, espírito inquieto e sua filosofia de vida agitada mudaram as formas daquilo que é natural e necessário para Manto, um artista vigilante, mesmo no eixo intelectual; sua ousadia e ponderação não podiam ser satisfeitos com nenhum sistema social. O maior exemplo disso é a história de *Toba Tek Singh*, pela qual Manto foi repetidamente punido – e pela qual ele também se puniu. Durante os últimos anos de sua vida, que passou no Paquistão, sua inquietação e angústia atingiram o auge. Sua ousadia também. Mas ele voou durante toda a sua vida, “nas asas da grandeza, daqui para lá — Amritsar para Bombaim, Bombaim para Lahore (...)” (Naem, 2019). Para Varis Alvis, seu biógrafo, os ensaios iniciais de Manto foram influenciados pelo socialismo, pelo marxismo, pela Revolução Vermelha, pela luta de independência, por Jallianwala Bagh<sup>4</sup> e pelo Movimento de Não Cooperação. “Depois, a política sectária, os motins, a Partição, a luta pela Caxemira, o imperialismo estadunidense e o sistema de empréstimo de dinheiro, a ideia de um Estado religioso, o domínio da política pelos maulvis<sup>5</sup>, a sua estreiteza de espírito, a emancipação feminina, os problemas do sexo, a nudez e a ‘indecência’ na literatura e os problemas das cortesãs e das mulheres sequestradas na sociedade o envolveram. (Naem, 2019). O conto “Rude”, (*Bombay Stories*), tem ares de escrita autobiográfica e, nesse caso específico, uma clara revelação de sua afinidade e convívio com amigos simpatizantes do socialismo. Fervor e paixão por justiça social o aproximavam dessas pessoas e de suas causas.

Nesse contexto local e regional, Manto vivia em uma complicada “interseção da força bruta colonial, contestação nacionalista política, divisões religiosas, direitos de classe e patriarcado ligados com exploração de classe, casta e gênero”, como expõe Nasreen Rehman (Rehman, 2022, p. 22). na sua introdução ao livro de contos de Manto, por ela traduzido. “Manto testemunhou o colapso da Índia colonial britânica, que culminou na divisão da região de Bengala e Punjab, em meio à violência que acompanhou

---

<sup>4</sup> O Massacre de Jallianwala Bagh ocorreu em 13 de abril de 1919 em Amritsar, no atual estado de Punjab. Tropas britânicas atiraram contra uma grande multidão de indianos desarmados, mataram várias centenas de pessoas e feriram ainda outras centenas. Foi o ponto de virada na história moderna da Índia, na medida em que deixou uma cicatriz permanente nas relações indo-britânicas. Compare: Çakmakçi, M. K.(2023). Examination of the Jallianwala Bag Event in the Context of Saadat Hasan Manto’s 1919 *Ki Ek Bat* and *Tamasha’s Stories*. *Şarkiyat Mecmuası — Journal of Oriental Studies* 43, p. 187-199.

<sup>5</sup> “maulvi” é um professor erudito ou doutor em lei islâmica.



o surgimento de dois Estados soberanos independentes: o Paquistão, de maioria muçulmana e a Índia de maioria hindu, mas com reivindicações declaradamente seculares. Para Saadat, escrever era um bálsamo para sua alma perturbada e uma maneira de afirmar sua dignidade. Além disso, pela escrita, Saadat desejava recuperar os aspectos mais humanos dos humanos”.

No primeiro aniversário da independência da Índia, em agosto de 1948, Manto já se sentia *persona non grata* nos estúdios para os quais trabalhava. Afinal de contas, como de costume se queixavam: — havia muitos muçulmanos ali — e esses deveriam ser substituídos por hindus em uma nova Índia. Juntou-se ao êxodo de milhares de muçulmanos para aquela pátria nascente, o Paquistão. Em janeiro de 1948 partiu de navio de Mumbai para Karachi e de lá, pegou um trem rumo a Lahore, onde viveu por mais sete anos até sua morte em 18 de janeiro de 1955.

Na nova pátria, o Paquistão, continuam sendo o combustível de sua escrita a paisagem social, os sobreviventes, a vida, os conflitos da alma e da sociedade. Afinal de contas, é uma escrita carnal, intimista, para a qual a máquina de escrever, esse instrumento moderno não tem serventia, pois o barulho atrapalha os pensamentos. Melhor usar a caneta ou o lápis e caligrafar para poder voar com as palavras. Não acredita que aquilo que escreve com lápis haveria de ser apagado por qualquer um. Difícil mesmo foi continuar sendo um escritor em uma terra que ia se moldando à maneira de uma ditadura e segundo o desenho de seus arquitetos fundamentalistas. Se na Índia britânica já era perseguido com frequência, no Paquistão o fantasma dessa perseguição vai surgindo após cada texto publicado e se transformando em ameaças reais. Incompreendido e desvalorizado, Manto, o escritor, é empurrado para crises existenciais, alcoolismo, depressão e pessimismo. Educado em um lar sem a firme presença da figura paterna, que também desaprovava seu estilo de vida, ainda teve que passar pelo trauma de perder o pai muito cedo. Seguramente fatores que contribuíram para desenvolver a dependência ao álcool, que lhe causou grandes problemas existenciais e de saúde.

Em nenhum momento de sua vida, quer privada ou pública, abandonou a coerência, e sempre demonstrou que essa lhe acompanhava em todas as suas ações.

Manto escreve sobre prostitutas, cafetões ou criminosos porque quer impressionar



seus leitores, quer reafirmar a humanidade dessas pessoas de “má reputação”, afirma Ayesha Jalal. Para Manto essas pessoas eram “...muito mais [humanas] do que as que ocultavam suas falhas com um véu espesso de hipocrisia”. As profissionais do sexo de Manto eram mulheres *humili gradu*, que se vendiam por qualquer quantia. Havia diferentes “exemplares” para os diferentes grupos sociais; aos que eram abastados as que preenchiam a lacuna erótica da mulher casada e apenas reprodutora; para aqueles mais reservados, havia as que se colocavam em um lugar de subalternidade.

### 3. A atualidade de Manto

Em outras histórias Manto revela um pacto social anti-feminista, que não se restringe aos homens. Embora incomum, não são, portanto, apenas os homens que participam desse pacto. Mulheres eram cooptadas e o integravam, muitas vezes, com mais dedicação do que os próprios companheiros. Isso ocorre em “Offspring” (Aulaad em urdu), uma história angustiante sobre Zubeida, mulher de classe média que é levada a se autocondenar por sua incapacidade de dar um filho ao marido: embora o seu marido seja um homem dedicado e generoso, o questionamento de sua mãe e a pressão social imaginada alimentam sua crença de que não conseguiu cumprir seu papel como mulher, o que lança uma sombra sobre a vida de Zubeida. A história também revela como as mulheres são cooptadas como os piores agentes do patriarcado. (Rehman, 2022, p. 29) Manto não tratava as mulheres diferentemente dos homens, os via da mesma maneira; assim como a maioria de seus personagens, as mulheres demonstram a convicção de que a felicidade não reside em vencer conflitos de carácter religioso ou nacionalista, mas em promover laços humanos baseados em linhas feministas de amor, cuidado, respeito e tolerância. Um grande defensor dos valores morais da civilização humana em tempos muito difíceis, mesmo sofrendo ataques vindos de todos os lados, não hesitou em defender seus valores humanistas: A escrita aberta de Manto, sem símbolos, não permitia esconder palavras que no seu tempo eram socialmente indigeríveis. Tal como a maioria das suas personagens, as mulheres demonstram a convicção de que a felicidade não reside em vencer conflitos de carácter religioso ou nacionalista, mas em promover laços



humanos baseados em linhas feministas de amor, cuidado, respeito e tolerância.<sup>6</sup> Manto é tão habilidoso quanto os melhores contistas da tradição russa e ocidental e é muito triste que ele tenha sido apagado do cânone literário, queixa-se a atriz do cinema indiano, Tanuja Samarth. Ele pode ser um grande desconhecido no Ocidente e, para leitores de língua portuguesa, até mesmo inacessível mas Manto já foi comparado com os grandes expoentes da literatura mundial. Ainda não surgiu um novo Manto (e é improvável que surja). O Manto original merece ser lido por novas gerações. Quem o lê pela primeira vez certamente sentirá a pulsação de seu coração em suas palavras e se surpreenderá com tudo o que ainda pode representar. Seus escritos permitem que seja considerado o maior escritor do sub-continente asiático e um dos grandes nomes da literatura mundial.

### Referências bibliográficas

Manto, S. H.. *Bombay Stories*. Tradução: Matt Reeck & Aftab Ahmad.

London: Vintage Books, 2014.

Manto, S. H. *Colder than ice*. In: Khalid Hasan. *Bitter Fruit: The very best of Saadat Hasan Manto*. Edited and translated by Khalid Hasan. Haryana, India: Penguin Books, p. 16-20, 2002,.

Mishra, R. Defying Gender Roles: *Manto's "Mozelle"*

Recuperado em 18 de agosto de 2023 de: <<https://cafedissensus.com/2022/08/22/defying-gender-roles-mantos-mozelle-in-our-times>>

Naem, R. Comrade Manto - IV. *Friday Times*, 22 de fevereiro de 2019. Recuperado em 18 de abril de 2024 de: <<https://thefridaytimes.com/22-Feb-2019/comrade-manto-iv>>

Reek, M. Introduction. In: Saadat Hasan Manto. *Bombay Stories*. Tradução: Matt Reeck & Aftab Ahmad. London: Vintage Books, p. XVII, 2014.

Rehman, N. Introdução. In: Saadat Hasan Manto: *The Collected Stories of Saadat Hasan Manto*. New Delhi: Aleph Book, p. 29, 2022.

---

<sup>6</sup> Compare: Rumi, R. *Manto's women*. Recuperado em 2 de junho de 2024 de: <https://thefridaytimes.com/13-Feb-2015/manto-s-women>.





Wahdhawan, J. C. *Manto Naama: The Life of Saadat Hasan Manto*. Trans. Jai Ratan.  
New Delhi Roli, p. 116, 1998, *apud* Matt Reeck. In: Manto, S. H. *Bombay  
Stories*. London: Vintage Books, p. XXXIX, 1988.

